

O que é uma pergunta? Diálogos entre a psicanálise e a lingüística de Austin e Searle

Paulo Luis Rosa Sousa
Ricardo Azevedo da Silva
Ricardo Tavares Pinheiro
Universidade Católica de Pelotas

ABSTRACT: Although interrogation acts are frequently used, in social as well as in psychoanalytic discourse, they have not been deeply studied, at least from a Freudian perspective. Pioneers like Freud and Klein have not considered their own questions, or those of their clients, as an object of study. More than that, the Hungarian psychoanalyst Sandor Ferenczi, in 1919, created the technical rule of counter-question, in which whenever a client asked a question, the analyst should return with a counter-question such as "Why did it occur to you to ask this question?". Historic-technical determinants on this line caused interrogation acts to be of secondary interest. This interdisciplinary essay claims that the questions asked in psychoanalytic dialogues can be used as authentic therapeutic instruments. The study, conducted from clinical materials, transcribed from analysis sessions and literary productions such as "El libro de las preguntas" by Pablo Neruda, enables us to formulate hypotheses on the nature of interrogation acts, its effects on dialogues, and its use as therapeutic instruments. Austin's and Searle's philosophical notions on speech acts, associated with the psychoanalytic foundations of therapeutic dialogues, have shown to be useful interdisciplinary instruments for the task.

O QUE É UMA PERGUNTA?

RESUMO: Embora os atos interrogativos sejam de uso freqüente, tanto no discurso social, quanto no discurso psicanalítico, eles não têm sido estudados em profundidade, pelo menos no campo freudiano. Pioneiros como Freud e Klein não tomaram suas perguntas ou as de seus clientes como objetos de estudo nos diálogos terapêuticos. Mais ainda, o psicanalista húngaro Sandor Ferenczi, em 1919, inventou a regra técnica da contra-pergunta, na qual toda vez que o cliente perguntasse algo durante a sessão, o analista deveria devolver-lhe com uma contra-pergunta do tipo: “ como lhe ocorreu perguntar-me isso ?” Determinantes histórico-técnicos dessa ordem levaram a que os atos interrogativos permanecessem em um plano secundário de interesse. Este ensaio interdisciplinar defende a hipótese de que as perguntas que emergem nos diálogos psicanalíticos podem ser instrumentos terapêuticos legítimos. O estudo feito a partir de material clínico transcrito de sessões de análise, bem como de produções literárias como “El libro de las Preguntas”, de Pablo Neruda, permite formular hipóteses sobre a natureza dos atos interrogativos, seus efeitos nos diálogos e seu uso como instrumentos terapêuticos. As noções filosóficas de Austin e Searle sobre os atos de fala, associadas ao fundamento psicanalítico dos diálogos terapêuticos, mostraram-se como recursos interdisciplinares úteis para a tarefa.

KEYWORDS: interrogation acts, clinical dialogues, poetic questions, interdisciplinary, psychoanalysis, linguistics.

PALAVRAS-CHAVE: atos interrogativos, diálogos clínicos, perguntas poéticas, interdisciplinaridade, Psicanálise, Lingüística.

"Acercaba tan sólo un cuerpo interrogante,
porque ignoraba que el deseo es una pregunta
cuya respuesta no existe,
una hoja cuya rama no existe,
un mundo cuyo cielo no existe"
Luis Cernuda (referido por Carlos Dominguez Morano)

AS PERGUNTAS DE PABLO C.

Pablo C. tinha 10 anos quando foi trazido para tratamento. Mostrava-se gravemente perturbado, sendo seu discurso muito incoerente, suas orações totalmente incompreensíveis, a não ser por denotarem um sentimento de inquietação (paranóide?) com respeito a permanecer na sala com o analista. Depois de um trabalho terapêutico intenso de mais de dois anos, e com um significativo progresso em sua organização mental, as perguntas, até ali inexistentes, começaram a aparecer. Inicialmente elas eram enigmáticas e, parecia que ele não estava preocupado em obter respostas, mas, provavelmente, mais se interessava em poder formulá-las e o fazia de modo rápido, insistente, obsessivo: "o que é brevemente ?", "o que é rapidamente ?", "o que é simplesmente ?" . . . Algum tempo depois, um outro tipo de perguntas emergiu, sendo mais claramente relacionada à experiência interpessoal com o analista: ele procurava estabelecer diferenças entre variados processos mentais que ia percebendo, pondo-se a indagar de forma e num tempo mais coerente, mais de acordo com os diálogos que iam se configurando: "o que é idéia ?", "o que é imagem ?", "o que é pensamento?", "o que é recordação?". Meses após, um *novo grupo* de perguntas consegue ser formulado por Pablo, já então expressando manifestamente aspectos de seu vínculo afetivo com o terapeuta: "quando eu vou embora tu ficas pensando em mim ?", "como é que tu pensas em mim; é a minha imagem ?", "tu me vês quando pensas em mim ?" Mas, esses passos evolutivos aqui demarcados pela qualidade ou natureza das perguntas que iam aparecendo, eram apenas alicerce para a mais decisiva, comovente indagação que surgiu nessa análise, antes que os pais, prematuramente, retirassem Pablo do tratamento, transferindo-se para outra cidade. Esse momento culminante, em que a argúcia desse menino, afetado por uma perturbação psicótica grave mas que conservava, por sorte, uma extraordinária capacidade de indagar sobre si e sobre o mundo, revela-se em toda extensão, trazendo à luz o drama da construção de sua frágil identidade, através do seguinte diálogo questionador: Pablo toca suavemente a barba do terapeuta e diz "quando eu for grande também vou ter barba . . . aí eu vou ser diferente [por passar a ter barba]. . . como é que vão saber que eu sou eu ?"

Esse breve recorte ilustra o surgimento dos atos interrogativos em um diálogo analítico marcado por uma evolução difícil, embora

O QUE É UMA PERGUNTA?

favorável. Ele nos parece significativo porque permite perceber uma correlação positiva entre o nível crescente de organização mental e o aparecimento de perguntas cada vez mais complexas na estrutura e mais ricas no conteúdo. Em seus primórdios de vida, os bebês normais, assim como em outras etapas, crianças severamente perturbadas, como os autistas (Laznik-Penot, 1997), não dispõem de uma mente suficientemente estruturada, de modo a estabelecer apelos ou demandas (via atos interrogativos) que implicam o reconhecimento de existência externa ao eu, do outro. Em observações seqüenciais de crianças normais, temos identificado que após os 24 meses começam a surgir perguntas explícitas, que vão se intensificando até os indefectíveis "por quês?", em torno dos 4 anos. Mas, estudos psico-lingüísticos sugerem que, bem antes, ainda na fase do *infans* ("aquele que não dispõe da palavra"), durante o primeiro ano de vida, algumas das vocalizações "experimentais" do bebê parecem já conter uma conotação indagadora (Cabral, 1999). Estas observações convergem no sentido de poder-se afirmar que os atos interrogativos, se as condições do ambiente forem favoráveis, surgem precocemente na vida e podem ser tomados como marcos referenciais do desenvolvimento do eu em sua relação com o mundo (outro).

AS PERGUNTAS DE PABLO NERUDA: ELOGIO À IGNORÂNCIA

Neruda foi um perguntador. Pareceu amar as perguntas mais que qualquer outro poeta, culminando, em 1974, com seu *Libro de las Preguntas*, onde ele mostra toda a riqueza e potencial interrogativo do ato de perguntar. Ora o vemos romântico ("*Dónde está el centro del mar ? / Por qué no van allí las olas ?*"), ora implacável e perturbador ("*Puedo preguntar a mi libro / si es verdad que yo lo escribí ?*"). Aborde-se por onde se queira, aqueles que se aventurarem a percorrer as indagações do Poeta não sairão incólumes. Tanto Neruda pode jogar-nos de encontro ao que fazemos com nosso tempo ("*Cuántas semanas tiene un día / y cuántos años tiene un mes ?*"), quanto nos mergulha em nossa ignorância da realidade ("*El 4 es 4 para todos ? / Son todos los siete iguales ?*"). É desgarrador ao perguntar-nos "*Has pensado de qué color es el Abril de los enfermos ?*" ou nos antepõe às nossas errâncias, sugerindo-nos: "*Ayer, ayer dije a mis ojos / cuando volveremos a vernos ?*" Pode

avassalar-nos com a transcendência ("*Por qué es tan dura la dulzura del corazón de la cereza ?*" / "*Es porque tiene que morir / o porque tiene que seguir ?*") ou pode descansar-nos na ensonhação ("*Las lágrimas que no se lloran / esperan en pequeños lagos ?*" "*O serán ríos invisibles / que corren hacia la tristeza ?*"). Por vezes faz perder-nos numa poética metafísica ("*Cuántas preguntas tiene un gato ?*"), em outras, nos encerra em dependência ("*Si he muerto y no me he dado cuenta / a quién le pregunto la hora ?*"), mas pode fustigar-nos com nossa batalha inconclusa por chegar a ser ("*Fué adonde a mí me perdieron / que logré por fin encontrarme ?*").

As vezes suas perguntas nos suspendem-surpreendem ("*Cómo se llama la tristeza / en una oveja solitaria ?*"), às vezes, nos cortam a respiração ("*Sufre más el que espera siempre / que aquel que nunca esperó a nadie ?*"), em outras, nos congela ("*Tal vez una estrella invisible / será el cielo de los suicidas ?*"), ou, ainda, pode deixar-nos perplexos ("*Cómo se llaman los ciclones / cuando no tienen movimiento ?*" "*Si todos los ríos son dulces / de dónde saca sal el mar ?*").

Tenha o conteúdo que tiver, produza o efeito que produzir, o perguntar de Neruda coloca o eu num irremediável frente a frente com a incompletude, a falência, a ignorância, portanto, coloca o eu no começo, no ponto generativo (poiético) de sua organização possível. Os psicanalistas são – ou deveriam ser – duplamente gratos a Pablo Neruda. Uma, porque ele nos mostra de forma bela e simples, tudo o que tantas vezes tentamos dizer e nos sai numa retórica pernóstica, se não arrogante. Outra, porque ele nos ensina a dizer *perguntando*, isto é, ele, antes que nós, demonstrou que o perguntar pode ser um instrumento eficaz, legítimo, inspirador, estruturante para um diálogo analítico que costuma, não raro, estar saturado de *afirmações interpretativas*.

A análise contemporânea está mais para indagar-investigar-aprender isto é, declarar sua ignorância, do que para afirmar-interpretar-ensinar. Neruda, ainda que indiretamente, acreditamos, deve ser um dos responsáveis por isso, tomando que o caráter generativo da poesia tem boa penetração numa psicanálise sensível.

Mas, até pouco tempo, analista tinha horror a pergunta. Sobretudo as do analisando. Isto se deve, em nossa história, à regra *cínica* de Ferenczi, que, a seguir, aludimos.

O QUE É UMA PERGUNTA?

A REGRA CÍNICA DE FERENCZI

Sándor Ferenczi (1919) foi o inventor na Psicanálise da regra da *contra-pergunta*, isto é, de que não se devia responder as perguntas dos pacientes: ". . . cada vez que um paciente me faz uma pergunta ou quer de mim alguma informação [respondo com uma contra-pergunta] , isto é, pergunto-lhe como lhe ocorreu perguntar-me isso ? (1992, [1919], p. 362-3). Ele fundamentava sua regra acreditando que "se eu respondesse, então a moção que o levou a fazer esta pergunta seria eliminada pela resposta; . . . em troca, dirigimos o interesse do paciente às origens de sua curiosidade e, se tratamos analiticamente suas perguntas, a maioria das vezes ele esquece de repetir a pergunta original; com isso nos mostra que, no fundo, não lhe importavam estas perguntas e que as mesmas só tinham significado como meio de expressão do inconsciente" (idem, p. 362-3). Ferenczi parece justificar-se aqui dentro do campo freudiano, no sentido de que *no inconsciente não há perguntas*, mas, cometeu um equívoco *cínico*: o de ter acreditado na simplificação, estereotipada, de que perguntar porque está sendo feita uma pergunta poderia levá-lo mais diretamente aos conteúdos inconscientes. Não há que perder de vista aqui que, também algo emanado de Freud, faz parte da complexidade implicada no perguntar, qual seja de que a pergunta, como produto mental forjado no pré-consciente, só será via legítima, operativa, de acesso ao inconsciente se for tomada na individualidade de cada paciente e de cada momento específico da análise (idem para o analista), isto é, distanciando-se o máximo possível de toda generalização ou estereotipia. Se o analista se mantém próximo a esta é um cinismo, no sentido de que torna sem sentido (ou, pior, atribui *sempre um significado infantil*) qualquer ocorrência indagadora gestada no paciente. Por que perguntar seria, necessariamente, infantil ou neurótico.

A expansão que teve a regra de Ferenczi corresponde, muito exatamente, à época do "esplendor kleiniano", que alcançou significativas porções do cenário psicanalítico mundial, desde os anos 50 até bem adiantado na década de 80. Mas, e como não ser assim, se se considerava o ato interrogativo como mero produto do recalçamento ? A imagem do analista *interpretador radical* ou *não-perguntador sistemático* parece cair no campo do "mais freudiano que Freud", pois, curiosamente, nós, os pós-freudianos, que não gostamos de perguntar, esquecemos que Freud foi um perguntador implacável (cf . Sousa, 1997).

Observados até aqui os atos interrogativos e sua importância em diálogos clínicos e poéticos, passemos ao estudo de alguns tópicos da Filosofia de Austin (1962) e de Searle (1969), incursionando brevemente, antes, em alguns estudos que fizemos a respeito.

UMA SÍNTESE DE NOSSOS TRABALHOS

Em textos anteriores (Sousa, 1997, 1998a, 1998b, Sousa et al., 1999) sobre a pergunta defendeu-se que: (1) as perguntas, como componentes do diálogo paciente-analista, foram praticamente esquecidas pelos pesquisadores, uma vez que os estudos quase exclusivos sobre as interpretações e seu uso em análise eclipsaram, em muito, a constatação, hoje óbvia, de que um *furor interpretandis* do analista é prejudicial para o processo analítico e que se dispõe de variadas intervenções verbais, terapêuticamente úteis (a pergunta entre elas), além da interpretação (Sousa, 1997); (2) existe no diálogo analítico uma *atitude interrogativa básica (AIB)*, introduzida no contexto dialogal mais frequentemente pelo analista, que corresponde a um *estado mental indagador* deste, voltado para a investigação de significações que o processo analítico interpessoal (interacional) desencadeia a cada momento, em ambos participantes, e que está além dos sentidos manifestos dos discursos, e cuja presença [do *AIB*] produz *efeitos significativos* sobre o paciente e sobre o próprio analista (Sousa, 1998a); (3) é possível desenvolver pontos transdisciplinares entre Psicanálise e Lingüística de Austin e Searle, que permitem ampliar, no campo clínico da primeira, a análise dos discursos psicanalíticos entre paciente e terapeuta e, em consequência, intensificar a operação investigativa necessária às curas (Sousa, 1998b); d) a psicanálise dos efeitos interpessoais das propriedades fonéticas (variação tonal) dos atos interrogativos, bem como das qualidades semânticas que as perguntas podem assumir nos discursos terapêuticos, oferece-se como um novo recurso nas curas freudianas, no sentido de constituir-se em via legítima para a abordagem, sempre indireta, dos processos inconscientes (Sousa et al, 1999).

Prosseguindo nesta linha de investigação, que aponta aos fatores processuais que facilitam e/ou dificultam o andamento da cura, gostaríamos de abordar, a seguir, algumas peculiaridades e efeitos possíveis

O QUE É UMA PERGUNTA?

dos atos interrogativos, quando lançados no espaço interativo das análises.

Para tanto partiremos de uma base de filosofia da linguagem que se mostra útil aos propósitos de um clínico, ao trabalhar com o paciente.

AUSTIN E SEARLE: INTERESSES PSICANALÍTICOS PELA PRAGMÁTICA

Austin (1962), em sua clássica monografia, sustentou que ao dizermos uma frase qualquer acontecem três atos simultâneos, *desencadeantes de conseqüências*: (1) emitem-se sons articulados e combinados – palavras – onde se evocam e combinam (sintaticamente) as noções que elas representam – a isto chamou de *ato locutório ou locucional*; (2) ao serem emitidas as frases cumpre-se, de por si, um certo ato – *ato ilocutório ou ilocucional* – que leva a certa transformação das relações entre os interlocutores; (3) os dois atos anteriores provocam reações recíprocas entre os interlocutores, ao que denomina *atos perlocutórios ou perlocucionais*.

Atendo-nos, no momento, aos atos ilocutórios podemos dizer, por exemplo, cumpro o ato de *perguntar* ao dizer algo que signifique: "quero saber de ti se..." ou, realizo o ato de *ameaçar* se coloco: "quem não estudar não passará". Austin refere três características para os atos ilocutórios: (1) é uma ação que se cumpre na própria fala e não uma conseqüência, deliberadamente buscada ou não pelo emissor dessa fala, (2) os atos ilocutórios aceitam ser parafraseados e explicitados, por exemplo: ao perguntarmos, esclarecemos: "te pergunto se...", "te indico que...", (3) obedecem sempre a uma convenção, isto é, se realizam mediante a existência de certo cerimonial social que atribui um valor determinado ao que é dito e que está sob o jugo de determinada fórmula, empregada por determinada pessoa, em determinadas circunstâncias; (4) na medida em que as frases ditas possam servir a fins mais distantes, isto é, menos explícitos e, em conseqüência o interlocutor possa não entender o que lhe é dito, mesmo que domine perfeitamente a língua (domina a língua, mas pode não dominar a fala – numa expressão de Saussure – sendo esta uma espécie de *execução* da língua, comparável a um pianista, ao executar uma partitura). Por exemplo, "ao interro-

garmos alguém podemos ter a intenção de ajudá-lo, de perturbá-lo, de fazê-lo crer que apreciamos sua opinião, etc" (veja-se, para mais detalhes, Ducrot & Todorov, 1980, p.384 e seg.).

Searle [1959] (1990), discípulo de Austin, ampliou estudos sobre os atos ilocutórios, evidenciando, de acordo com Ducrot & Todorov (1980, p.386), que "sua função *primeira e imediata* consiste em modificar a situação dos interlocutores. Estes últimos dão como exemplo que, se ao falar prometo algo, estou, nesse momento, impondo-me a mim próprio uma obrigação e isto não é uma consequência secundária (ato perlocutório) de meu falar, posto que não se pode dar à minha fala um sentido anterior à esta criação de uma obrigação (de prometer). Referem, ainda, que se daria o mesmo no caso de que eu pergunte a meu interlocutor: crio para ele uma situação nova, a alternativa de responder ou não, passando neste caso por descortês.

Ainda Searle [1965] (1991) comentou que Austin afirmava que em inglês há mais de mil expressões verbais que representam atos ilocutórios, entre eles: enunciar, perguntar, ordenar, informar, saudar, aconselhar, asseverar, descrever, observar, comentar, mandar, suplicar, criticar, pedir desculpas, censurar, aprovar, dar boas vindas, prometer, dar consentimento, pedir perdão, etc.

COMO SE RELACIONAM AS PALAVRAS COM O MUNDO ?

Searle [1959] (1990) abre seu livro com essa bela pergunta e, no capítulo 3, examina alguns pontos que são de interesse para um clínico. Um deles é a *condição de sinceridade* do ato ilocutório, onde esse autor faz uma dedicada análise lógica de quais condições são necessárias para que se entenda sincero (no sentido lógico) o ato de *prometer* e, também, o que ocorre mediante, por exemplo, *promessas insinceras* (p.69-70), destacando que elas não deixam de ser promessas, embora careçam de intenção de realizar o ato prometido. "Uma promessa inclui uma expressão de intenção, seja ou não sincera". Nesta frase queremos colocar em destaque a questão da *intenção* do falante, seja ou não sincero, no sentido de que a intencionalidade, explícita ou oculta, numa fala entre dois (ou mais) é um elemento do campo interpessoal que, dependendo

O QUE É UMA PERGUNTA?

de sua intensidade, a intenção circulante poderá alterar enormemente o estado relacional intersubjetivo. Por isto Searle (1991) afirma que "o estado psicológico expresso na realização do ato ilocutório é a *condição de sinceridade* do ato" (p.452). Coloca, ainda, que (1) se uma pessoa enuncia, explica, assevera ou afirma determinada coisa ela está a *expressar uma crença*; (2) se outra promete, faz votos, profere ameaças ou se compromete a fazer tal ou qual ato, ela expressa uma *intenção*; se, por fim, (3) uma pessoa ordena, manda ou pede que alguém faça algo, ela expressará um *desejo*, e assim por diante... ao utilizar verbos ilocutórios. Para a análise psicológica do clínico o que nos parece valioso de tudo isto é que se possa identificar, discriminar, na análise transferencial-contratransferencial, se o que vai surgindo no campo interpessoal (e provenha do analisando e/ou do analista) apresenta-se sob qual forma predominante: *crença?*, *intenção?*, *desejo?* A cada uma das muitas variadas modalidades ilocutórias possíveis corresponderá, por certo, um significado específico e um efeito interpessoal a ser identificado, analisado, verbalizado, circulado.

Outro elemento potencialmente valioso na clínica é a noção de *ponto ou propósito ilocutório* (idem, p. 450-1). O ponto ou propósito de uma *ordem* pode ser especificado ao entendermos que essa ordem é um intento de que o ouvinte faça algo; de forma análoga, o objeto ou propósito de uma *descrição* é o de que ela represente (mais ou menos verdadeira, mais ou menos exata) como é algo; igualmente, uma *promessa* denota uma obrigação para quem promete. Searle (idem, p.451) aproxima seu conceito de ponto ilocutório à noção de *força ilocutória*, introduzida por Austin ([1962](1990, p. 121 e seg.) e que consiste, resumidamente, em aceitar que, ao falarmos, são os *verbos* utilizados que, em cada sentença, "explicitam a força ilocutória de um proferimento, ou mostram qual é o ato ilocutório que estamos realizando ao emitilo"(p.122).

Entendemos que, para um clínico, estas digressões filosóficas sejam de interesse em função de que podem servir de apoio à busca de sentidos, vale dizer, intencionalidades explícitas e ocultas, que buscamos em cada momento da experiência dialógica de um tratamento psicoterápico. Por isso, prossigamos um pouco mais, antes de examinarmos o valor de nossa hipótese de trabalho ante a prática psicanalítica.

Completando melhor as idéias de Austin, cabe referirmos que ele concebeu cinco categorias (em nada definitivas, dizia) para os verbos

com força ilocutória: (1) *veriditivos*: verbos que permitem emitir um veredito, como um corpo de jurados ou um árbitro o faz, buscando estabelecer diferenças (nem sempre definitivas, nem sempre claras) se, ao julgarem, baseiam-se em *fatos* ou em *juízos de valor*; (2) *exercitativos*: verbos que permitem o exercício de poder, de direito, de influência (ex.: designar, votar, aconselhar, avisar); (3) *comissivos*: os que se caracterizam por prometer ou comprometer a pessoa a fazer algo (ex.: prometer, fazer votos, empenhar a palavra, jurar, pactuar); (4) *expositivos*: aqueles que implicam a exposição de pontos de vista, a direção dos argumentos; (5) *comportativos* (*ou comportamentais*, na tradução brasileira): "grupo heterogêneo", com o qual Austin estava muito insatisfeito (idem, p.123) e que inclui a noção de reação frente à conduta e destino das demais pessoas, tendo a ver com atitudes e comportamentos sociais (ex.: pedir desculpas, deplorar, compadecer, aplaudir, criticar). Searle [1969] (1991, p.449-476) faz toda uma crítica à classificação de Austin e propõe nova taxonomia para os atos ilocutórios, onde podemos identificar ajustamentos descritivos e conceituais que não chegam a alterar significativamente o valor que queremos extrair para a clínica, destes estudos.

Por fim, um terceiro tópico, potencialmente útil para nosso trabalho analítico, é o que Searle (idem, p. 451-2) denominou *direção de ajuste entre as palavras e o mundo*. A questão se refere a que algumas proposições ilocutórias "tem como parte de seu ponto ilocutório o conseguir que as palavras (mais precisamente, seu conteúdo proposicional) se encaixem com o mundo e outras ilocuções, alcançar que o mundo encaixe com as palavras" (p.451). Por exemplo, as afirmações ou asserções ou quando damos por certa a existência de alguma coisa, todas as três situações pertencem ao primeiro grupo, enquanto as promessas, as ordens, os votos, ao segundo. Searle defende que é possível distinguir a *direção de ajuste* de uma fala, identificando se ela tem uma das seguintes alternativas: (1) *direção da palavra-ao-mundo* (como tem os enunciados, descrições, afirmativas, explicações); (2) *direção do mundo-à-palavra* (observados, como vimos acima, nas promessas, etc.). A *direção de ajuste* é sempre uma consequência do ponto ilocutório e da força ilocutória das falas.

Em síntese, os três pontos que aqui destacamos, a partir de Austin e Searle: (1) a condição de sinceridade, (2) o ponto e a força ilocutória e (3) a direção de ajuste entre palavras e mundo, prestam-se como

O QUE É UMA PERGUNTA?

instrumentos de análise não apenas lingüística, mas também psicanalítica, pois permitem, neste último campo, aprofundar questões relativas ao diálogo terapêutico, no sentido de valorizar efeitos do quê e do como os sujeitos de análise interagem verbalmente. O psicanalista tem a experiência concreta de que "fazemos coisas com palavras", no mais pleno significado de Austin e Searle e de que os sujeitos de análise modificam (transformam) suas relações com o mundo mediante, sobretudo, palavras. Daí caber que busquemos pontos transdisciplinares entre lingüística, filosofia da linguagem e psicanálise, porque dessas interfaces podem surgir novas perspectivas de investigação, e, em consequência, de cura.

O ATO DE PERGUNTAR, VISTO POR SEARLE

Um aspecto da força ilocutória dos atos interrogativos está em que uma pergunta é, na realidade, uma forma especial de *petição*, seja para *pedir informação* (*pergunta real*, para Searle), seja para pedir que o ouvinte *exponha conhecimentos* (o que ele chama *pergunta de exame*). Equivalem-se em força ilocutória, acrescenta, a petição "Diz-me o nome do primeiro presidente dos EUA" e a pergunta "Qual é o nome do primeiro presidente do EUA?". Aliás, em inglês, o verbo "to ask" cobre ambos sentidos de peticionar e de perguntar, o que não ocorre em português, por exemplo. No estudo, Searle está em busca de identificar se existem atos ilocutórios básicos, os quais possam ser entendidos como passíveis de reduzir todos os demais verbos a umas quantas categorias ilocutórias básicas. Assim, ele apresenta um interessante quadro comparativo

(Searle [1969] 1990, p. 74 - 75) entre as ilocuções de *pedir*, *afirmar*, *perguntar*, *aconselhar*, *avisar*, *agradecer*, *saudar* e *felicitar*. Nele evidencia, por exemplo, que *pedir* implica um *ato futuro* entre dois sujeitos, à diferença de *agradecer*, que implica um *ato passado*, ou à distinção de *perguntar*, que "aceita" qualquer tipo proposicional. Ao perguntarmos, por outra parte, estamos demonstrando vários atos: a) que não é óbvio que meu interlocutor possa proporcionar uma informação sem que se lhe peça; b) que é óbvio que desejo tal informação; c) que se lhe faço uma pergunta *real* é porque desejo saber uma resposta;

d) se lhe dirijo uma pergunta *de exame*, desejo saber se ele apenas *sabe*, o que é diferente de querer saber *a informação completa*, digamos.

Observar as coisas deste ângulo permite que apontemos nosso estudo para a *natureza do perguntar*, busca plena de sentido para o clínico que quer dar conta do que se passa de transformador no diálogo freudiano, pois, se mais entendida a natureza das interrogações, melhor compreendidos seus efeitos dialogais. Retornemos ao campo clínico.

ELEMENTOS PARA A CLÍNICA DO PERGUNTAR

Há variados perguntares na clínica. Com o recém introduzido, mediante Searle (1990, 1991), pode-se ver que efeitos muito diferentes decorrerão, por exemplo, se a pergunta que circula é *real* ou *de exame*. Na primeira o ponto de investigação do analista estará voltado para colher novos dados sobre o paciente, enquanto na segunda, apenas saber se o paciente sabe, não interessando, propriamente, o dado. Se, por exemplo, perguntamos ao paciente seu nome, interessa mais (do ponto de vista do estado mental) saber se ele está em condições mentais de saber, do que se obter o nome que, em si, ele leva.

Dizíamos antes que, por recomendação desses filósofos, podemos examinar os atos ilocutórios sob três aspectos diferentes: (1) a condição de sinceridade, (2) a força ilocutória, (3) a direção de ajuste predominante da fala (palavra-mundo ou mundo-palavra).

Examinemos, assim, o perguntar, na clínica.

Condição de sinceridade. Por certo que uma pergunta sincera tem, potencialmente, diferente efeito terapêutico que uma, insincera. Mas, mesmo supondo que estamos diante de um paciente e de um analista que são, conscientemente, sinceros entre si, os efeitos intersubjetivos variarão se as perguntas vertidas forem *reais* ou *de exame*. Pressupondo que o ouvinte reaja "bem", isto é, não-neuroticamente, ao ouvir a pergunta, ante a pergunta *de exame* ele poderá, mais facilmente (e com justeza), experimentar que estão pesquisando *seu estado mental* e não que querem saber sua efetiva resposta. A reação transferencial em um ou em outro caso deverá variar grandemente. Em sujeitos paranóides as perguntas *de exame* são, potencialmente, mais ativadoras de paranóia. Se o analista não levar em conta tal peculiaridade, interpretará equivocadamente algo transferencial – projetivo – do paciente, em lugar de

O QUE É UMA PERGUNTA?

perceber que este poderá estar reagindo ao matiz ilocutório de alguma pergunta do próprio analista (no caso o analista aparece, então, como o indutor maior da transferência-projeção do paciente).

A jovem Sra. Y falava pouquíssimo nas sessões. Ela procurou tratamento porque tinha estados de angústia freqüentes e passageiros, mas que se acentuaram com o nascimento do filho e tinha medo de não poder controlar-se e agredir a criança. Nos três anos de terapia, os atos interrogativos introduzidos pelo analista foram extremamente freqüentes e, ao que se pode avaliar, terapeuticamente proveitosos. Seus sintomas se aliviaram e ganhou bastante conhecimento de si. Acreditamos que a força ilocutória das perguntas do analista estava em que eram *sinceras* (à Searle) e que, no diálogo, assim – sinceras – chegavam à paciente. Cremos que se poderia dizer que as perguntas eram feitas porque efetivamente *não se sabia e se queria saber*, o que, para Y. parecia ter efeito reassegurador e expansivo para certos aspectos de sua mente (atos interrogativos como indutores de expansões do sistema pré-conscientes, cf. Sousa, 1997).

Força ilocutória. A força ilocutória, uma condição de *intensidade* dos atos ilocutórios depende, desde a psicanálise contemporânea, das condições de circulação desses atos entre emissor e ouvinte, ou, talvez, receptor. Queremos dizer que num diálogo ordinário e, mais ainda, se for psicanalítico, a situação assimétrica (ascendência “atribuída”, inconsciente de um sujeito sobre o outro), eventual no primeiro e sistemática no segundo, será o ponto de partida para a avaliação da *medida* da força ilocutória circulante e, em conseqüência, para a elaboração de interpretações a partir desse (e, claro, de outros) dados.

A palavra do analista, seja interrogativa, seja assercional, deve ser entendida como carregada de uma força ilocutória adicional? Nossa resposta é, certamente, afirmativa e tanto mais quanto menos analisado esteja o paciente. Aliás, a avaliação longitudinal da variação da força ilocutória ao longo dos tratamentos pode ser uma medida interessante de avanço do processo terapêutico. Com o passar do tempo ela deverá diminuir.

Direção de ajuste: (1) da palavra-ao-mundo, (2) do mundo-à-palavra. Recordemos, como exemplo, que na forma (1) cabem as descrições, afirmativas, explicações, e no (2) promessas, ordens. É possível inferir que em discursos entre sujeitos "normais" a direção de ajuste seja oscilante, ora predominando uma forma, ora outra, de acordo com

as circunstâncias vividas no momento, que excitam mais ou menos intensamente os passados-transferências. O clínico entrará em alerta quando identificar certa fixidez na direção de ajuste que, em casos extremos, poderia ser indicativo de estados mentais muito perturbados. Se imaginamos um sujeito com transtornos obsessivo-compulsivos, poderemos observar a predominância sólida do tipo *palavra-ao-mundo*, fato que, de um ponto de vista psicodinâmico, assinalaria modalidade unidirecional de relação com o objeto (mundo), em que ele se defende em posição narcísica, na qual as palavras, com tal *direção de ajuste*, prestam-se a serem experimentadas como verdadeira muralha protetora para esse eu fragilizado, regredido. A "preocupação" inconsciente do obsessivo é que *suas palavras se encaixem ao mundo, ao modo do mundo*. Ao contrário, o sujeito com grandiosidade narcísica grave será unidirecional no sentido oposto, onde *o mundo se encaixa às palavras, ao modo das suas palavras*. Basta lembrar, como exemplo, o discurso maníaco extremo, no qual o modo de relação das palavras-com-o-mundo revela ligações fugazes, mesmo que eventualmente intensas.

DISCUSSÃO

Ao modelo de Austin, constituído conceitualmente por: "fazemos coisas ao falarmos" ou "quem fala não só fala, também faz", e que, quando falamos *cometemos* três atos: (1) emitimos sons, (2) alteramos a relação com o outro (intencionalidades), (3) produzimos efeitos no outro, gostaríamos de acrescentar, de nossa parte, um (4) *componente interativo, bipessoal, dialogal* no entendimento de *como se geram* esses atos de fala, de modo que, sob esta nova óptica, eles ganham uma roupagem mais complexa e mais rica.

A busca, aqui, é a de formular um modelo de análise clínica dos atos interrogativos, gerados num diálogo psicanalítico em que se acentua a visão interativa nesse processo terapêutico. A análise proposta, então, põe ênfase nos aspectos *manifestos* do discurso, apoiando-se na filosofia de Austin e Searle.

Se não damos, momentaneamente, destaque ao conteúdo latente da pergunta, não é por desconsiderar os sentidos inconscientes das perguntas, e, sim, por querer acentuar sobre o passo prévio, o exame do material dialogal manifesto, *antes de partir para as interpretações*. Os

O QUE É UMA PERGUNTA?

analistas estamos em busca de melhores critérios de evidência para nossas afirmações interpretativas, buscando diminuir, sempre que possível, nossos saltos, ou atalhos, inferenciais.

Imaginando que um silêncio em análise é rompido por uma fala interrogativa explícita entre dois sujeitos, e supondo que tenha um sentido básico comunicacional, um modelo de análise ambiciosamente abarcativo incluiria as seguintes, mínimas, indagações:

(1) enfocando os efeitos no receptor da pergunta:

- *como repercutiu nele o som (prosódia) da palavra interrogativa?*
- *quais efeitos aparecem nele provocados pela força ilocutória da pergunta?*
- *idem para a condição de sinceridade da interrogação emitida*
- *ibidem para a direção de ajuste predominante do discurso onde emerge a pergunta*

(2) focalizando a atenção no emissor da pergunta:

- *a pergunta se manifesta no emissor, obviamente, mas sua emissão depende mais de um impulso do Eu ou é mais uma resposta deste a alguma ação dialógica prévia com o receptor?*
- *autoexame do som (prosódia) da pergunta emitida ("como me saiu esse som?", do mesmo modo que um músico que "tira" um som de seu instrumento e o avalia); autoexame da. condição de sinceridade, força ilocutória, direção de ajuste do contexto discursivo em que aparece a pergunta.*

No intento inicial de construção de um modelo de análise de atos discursivos interrogativos, que este ensaio contém, gostaríamos de remarcar que optamos claramente por privilegiar a adoção de um *paradigma interativo* no sentido que Schwaber (1995) o emprega no modo de conceber como se constrói o aparelho mental (veja-se, sobre este paradigma, Ogden (1994) e Dunn (1995)), posicionamento que direciona a análise de um modo diferente do, digamos, "clássico", este mais na tradição positivista e que defende uma estruturação mental mais dependente das pulsões individuais e de suas vicissitudes.

Dentro da concepção intersubjetivista, quando emerge uma pergunta e ela é formulada em palavras no diálogo psicanalítico, ela poderá provir da boca do paciente ou do analista, entretanto ela deverá ser analisada, *em uma dimensão, como um produto gerado no campo interacional*, e não como fruto, apenas, da curiosidade de um dos sujeitos em análise. *Em outra dimensão, há que considerar a pergunta (neste caso, explícita ou não) como expressão de uma "atitude interrogativa básica - AIB"* (Sousa, 1998), fruto ou efeito da *assimetria* que caracteriza a posição de analista e a posição de analisando, estando a AIB mais sob responsabilidade *do analista*, qual seja a de criar novas condições de vivência e de conhecimento (até aí inconscientizados) de si e do outro e da relação entre ambos. A noção conceitual da AIB não descarta a intersubjetividade, mas a concebe de modo a que se ressalte o assimétrico da relação.

Retomando, brevemente, a análise da Sra. Y, na qual as formulações interrogativas foram cruciais para o desenvolvimento do processo, diríamos que "da escuta da escuta" (cf. Faimberg, 1996) das numerosas perguntas do analista, ou seja, de como o analista escutava que a Sra. Y o escutava, inferiu aquele que *as condições de sinceridade, a força ilocutória (intencionalidades) e o contexto da direção de ajuste do diálogo entre os dois* geravam condições propícias para o processo. Avaliava-se, ali, que a Sra. Y posicionava suas palavras, predominantemente, na direção *palavras-mundo*, isto é, parecia esperar que o mundo coubesse em seus termos verbais (sempre se acreditou que ela era uma pessoa com severos distúrbios narcísicos) e, nesse contexto, embora as perguntas visassem questionar (e amadurecer) seu narcisismo (ex., indagar sobre como ela imaginava que se sentia seu filho quando ela pensava em matá-lo, não sem antes preparar-lhe o terreno para que conhecesse de seu pânico por não compreender, de imediato, qualquer necessidade do filho), pareciam produzir nela efeitos integradores e de melhor estabilização do Eu, evidenciados, sobretudo através de sutis modificações no relacionamento transferencial, como, ela própria, poder introduzir perguntas (efeito mimético com seu analista, possivelmente) no diálogo, mas sempre em contextos de elevada ansiedade em que temia que o analista a visse louca.

Finalizando, cremos ter corroborado aqui a validade de nossa hipótese de que vários conceitos lógicos elaborados pelos filósofos da linguagem Austin e Searle suportam uma conceituação e uma aplicação

O QUE É UMA PERGUNTA?

compreensível na clínica psicanalítica. Noções centrais como a de que, ao falarmos "fazemos" coisas (atos que repercutem e modificam a relação com o outro) e de que as lógicas das falas admitem "pontos de análise" bem demarcáveis, possuem bastante sentido para os psicanalistas e outros clínicos que trabalham com a fala. Assim, prestam-se a elaborações transdisciplinares *entre a filosofia da linguagem e a psicanálise* alguns desses pontos – por exemplo, através de conceitos como (1) condições de sinceridade dos interlocutores, (2) força ilocutória do discurso (suas intencionalidades várias) e (3) como pretendem os interlocutores que suas palavras se relacionem com o mundo que os circunda.

A fecundação conceitual via transdisciplinaridade ocorreria da lingüística à psicanálise na medida em que esses conceitos filosóficos que examinamos, uma vez repensados em termos psicanalíticos, permitem que se aprofunde o conhecimento de pormenores do diálogo freudiano – aqui, com ênfase nas perguntas – e, em conseqüência, uma abordagem mais consistente do processo de cura, esse ainda misterioso processo de saber como um sujeito falando com outro (entre outros atos) pode melhorar seu viver.

Para concluirmos, diremos que, desde este ângulo transdisciplinar, voltando a examinar: (1) os atos interrogativos de Pablo C, o menino enfermo de 10 anos, pode-se afirmar que *a emergência de atos interrogativos com crescente complexidade e riqueza de conteúdo no diálogo psicanalítico é uma evidência clínica de bom desenvolvimento do processo de tratamento*; (2) as multiformes perguntas de Pablo Neruda, no diálogo poético, *são uma contundente evidência da potencialidade intrínseca que os atos interrogativos possuem para gerar nos dialogantes (poetas e seus leitores, ouvintes) os mais profundos, como vedores e variados estados mentais, fatores de estímulo indubitáveis para o crescimento mental*; (3) a orientação técnica *clínica* do psicanalista Sandor Ferenczi, de que num diálogo analítico as perguntas do paciente devem-lhe ser "devolvidas" (introduzindo uma contra-pergunta), pois, caso aceitas (respondidas) levariam, *sistematicamente*, a entaves do processo terapêutico, *constitui-se em expressão de mecanismos de defesa neuróticos de parte do analista (racionalização, simplificação) e, estes sim, tendentes a perturbar o adequado desenvolvimento do processo*.

Suspendemos aqui, lembrando a crítica feita por Nietzsche, em *Ecce Homo*, a Shakespeare e seu "ser ou não ser, esta é a pergunta", em *Hamlet*, quando o filósofo diz: "*não é a dúvida, é a certeza que enlouquece*", isto é, perguntar se insinua como tentativa válida de buscar caminhos menos loucos. A Psicanálise e a Filosofia o atestam.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*, Oxford, Oxford Univ. Press (há versão em português: *Quando dizer é fazer*, P.Alegre: Artes Médicas), 1962, 1969.
- CABRAL, L. S. comunicação pessoal, 1999.
- DUCROT, O., TODOROV, T. *Diccionario Enciclopédico de las Ciencias del Lenguaje*, México: SigloXXI, 6a. Ed, 1980.
- DUNN, J. Intersubjetividade em Psicanálise: uma revisão crítica, *Livro Anual de Psicanálise* 11, p. 201-216, 1995.
- FAIMBERG, H. A escuta da escuta, *Livro Anual de Psicanálise* 12, p. 107-116, 1996.
- FERENCZI, S. in *Obras Completas*, São Paulo: Martins Fontes, vol II, 1919, 1992.
- LAZNIK-PENOT, M. C. *Rumo à Palavra. Três crianças autistas em Psicanálise*, São Paulo: Escuta, 1997.
- NERUDA, P. *El Libro de las Preguntas*, Buenos Aires: Losada, 1974.
- OGDEN, T. The analytic third: working with intersubjective clinical facts, *Int. J. Psychoanal.* 75, p. 3-19, 1994.
- SCHWABER, E. A. Towards a definition of the term and concept of interaction, *Int J Psycho-Anal* 76, p. 557-564, 1995.
- SEARLE, J.R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*, Londres, Cambridge Univ. Press, (há versão espanhola *Actos de Habla*, Madrid, Cátedra), 1969, 1990.
- _____. *Qué es un acto de habla ?* in Valdés Villanueva L.M. (Ed.): *La búsqueda del Significado*, Madrid: Tecnos, 1991.
- SOUSA, P.L.R. A pergunta. Sobre o ato de perguntar na sessão psicanalítica, *Expressão Psi* 1, p. 5-14, 1997.
- _____. *A atitude interrogativa básica no diálogo psicanalítico*, *Fórum Psicanalítico* 1, p. 7-46, 1998 a.

O QUE É UMA PERGUNTA?

- _____. A pergunta III: Notas clínicas sobre os atos interrogativos em Psicanálise, a partir da Filosofia da Linguagem de Asutin e Searle. Ensaio Transdisciplinar, *Expressão Psi* 2, p. 15-26, 1998 b.
- SOUSA, P.L.R., SILVA, R.A, PINHEIRO, R.T. What is a question in Psychoanalysis ?, *Proceedings Society for Psychotherapy Research Conference 1999*, Braga: Portugal, 1999.